

Prática de Ensino de LE: os desafios do contexto “real” para a formação do professor “ideal”

Ariovaldo Lopes Pereira¹

Resumo

O presente artigo apresenta, de forma sucinta, alguns tópicos que serão desenvolvidos em uma conferência de abertura do Grupo de Trabalho de Língua Estrangeira do IV Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino – EDIPE. Partindo da constatação de que os termos “professor ideal” e “contexto real” expressam concepções amplas e se constituem em conceitos questionáveis em termos de sua real existência, propomos aqui uma discussão sobre o papel do professor de língua estrangeira e as demandas que a sociedade atual apresenta a esse profissional da educação. Entre as diversas abordagens que o tema nos possibilita para a condução de nossa reflexão, optamos por apresentar algumas ideias acerca do que acreditamos ser características fundamentais do professor de uma língua estrangeira que possui status de língua hegemônica no mundo todo – o inglês – em uma realidade de país em desenvolvimento. Concluímos nossas reflexões conclamando os atores envolvidos na educação linguística – formadores e sujeitos em formação – a exercerem suas atividades docentes com a consciência da importância social, política e cultural que essas atividades possuem no processo de construção e transformação da sociedade moderna.

Palavras-chave: professor ideal; contexto real; atividade docente; prática social.

Introdução

Iniciamos nossas reflexões lançando um questionamento acerca dos dois termos centrais que integram o título desta conferência: o que são e será que existem o “contexto real” e o “professor ideal”? Este questionamento é proposto seguindo uma argumentação bem simples e há tempos presente nos fóruns de discussão sobre a formação de professores: os cursos de formação de professores devem estar em sintonia com a realidade de onde vêm os futuros docentes e para a qual irão retornar

¹ Doutor em Linguística Aplicada (UNICAMP); Mestre em Linguística Aplicada (UnB); Especialista em Língua Inglesa (PUC-MG); Graduado em Letras (UniEVANGÉLICA). Atualmente, atua na formação de professores, como docente titular de língua inglesa, linguística aplicada ao ensino de língua estrangeira e estágio de língua inglesa na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Anápolis) e no Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

para atuar como profissionais da educação. Visto por este ângulo, torna-se um contrassenso falar em um professor ideal e em um contexto real. Por outro lado, temos presenciado a crescente demanda social por profissionais cada vez mais inseridos no contexto de sua atuação e competentes não apenas em termos de conhecimento do conteúdo a ser ministrado, mas também, e poderíamos dizer até principalmente, no que diz respeito a atitudes adequadas que respondam a uma realidade cada vez mais desafiadora. Atuar na educação, hoje, exige do profissional uma postura que demonstre conhecimento, ética, determinação, capacidade de lidar com situações extremas de relações humanas e consciência de que se exerce uma atividade política extremamente importante para a formação de pessoas e a transformação da realidade.

Diante da constatação de que não há apenas uma única realidade social e educacional na qual o futuro professor irá atuar, é inevitável pensar não em um “professor ideal”, mas talvez seja mais adequado se pensar em formar professores crítico-reflexivos e preparados para atuarem em realidades diversas e adversas as quais apresentam desafios diferentes que estão a exigir respostas imediatas e eficazes.

Quando falamos em “prática de ensino” de língua estrangeira (LE), outro termo que merece ser questionado pela diversidade de sentidos e concepções que pode suscitar, pensamos em um professor em processo de formação ou que já concluiu pelo menos a primeira etapa de sua formação – o curso de graduação – atuando em um contexto de sala de aula em uma escola, preferencialmente da rede pública, e dando conta da tarefa que lhe cabe desenvolver naquele contexto: ensinar “bem” e “eficazmente” a língua estrangeira ou língua alvo. Poucas vezes, no entanto, ampliamos essa concepção para o nível da reflexão sobre o que seria esse “ensinar bem e eficazmente”.

Diante de inúmeros caminhos que se despontam para direcionar a nossa discussão, propomos, neste curto espaço, uma reflexão sobre o papel do professor de LE como agente de transformação social, em consonância com a necessidade de se pensar a educação linguística como parte de um contexto maior – o sistema educacional – que, por sua vez, é parte integrante e muitas vezes reproduz e legitima, outras vezes desafia e transforma as estruturas da sociedade macro em que está inserido. Esta é, portanto, a nossa proposta neste trabalho.

Implicações políticas e ideológicas de se ensinar uma língua hegemônica no Brasil

No contexto de ensino e aprendizagem da língua inglesa nos países de periferia, a orientação reprodutivista é imediatista, pois objetiva apenas divulgar a língua e a cultura e os valores associados a ela, de forma mais eficaz e rápida, sem se importar com o custo social que a comunidade 'beneficiária' é obrigada a pagar. Dentro dessa orientação, os aprendizes são agentes inteiramente passivos, pedindo para ser 'moldados' na forma que mais convém aos interesses desses educadores.
(Rajagopalan, 2003, p. 113)

Um dos fatores que contribuem para o fenômeno da hegemonia linguística do inglês no mundo moderno são as políticas de expansão dessa língua, desenvolvidas, entre outros meios, através do seu ensino e da difusão de sua cultura (Phillipson, 1992; Lacoste e Rajagopalan, 2005). Tais políticas, engendradas em países anglofalantes e cuja finalidade é a transmissão de uma série de valores culturais, atingem os cantos mais remotos do globo (cf. Cunha, 1996) e são mais eficazes quanto menos críticos forem seus destinatários. Para Pennycook (1994), o simples ato de usar a língua inglesa representa uma ação social que produz e reproduz relações sociais e culturais.

Com o advento da globalização e a conseqüente difusão em escala mundial das ideologias que dão suporte a esse fenômeno, a língua inglesa reafirmou e fortaleceu seu status de língua mundial. Essa língua foi nomeada, pela sua própria condição de língua hegemônica em várias partes do mundo e nas mais diferentes áreas da vida social, a língua da globalização, o idioma através do qual todas as culturas interagem e que serve de meio de integração mundial entre os diferentes povos que habitam o nosso planeta. Ao analisar a geopolítica do inglês frente à globalização, Lacoste (2005) constata que, embora em muitos contextos haja uma clara preocupação de falantes não-anglófonos com a preservação de suas línguas, esse é um fenômeno que convive, mesmo nesses contextos, com outras atitudes em relação à língua inglesa, na nossa percepção, uma conseqüência da propaganda ideológica que cerca essa língua e sua difusão.

Ao se falar em ensino de língua estrangeira no contexto educacional brasileiro, a primeira língua que naturalmente nos vem à mente é a língua inglesa, devido à sua predominância como língua estrangeira ensinada nas escolas brasileiras, um reflexo

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

da condição hegemônica dessa língua no cenário internacional. As escolas, tanto públicas quanto privadas, na sua grande maioria, adotam o inglês como a única ou uma das línguas estrangeiras ministradas (Mompean, 1994).

O processo educativo como um todo, nele incluído o ensino de língua inglesa, reflete a realidade social, política e econômica na qual se insere e, como tal, tanto pode contribuir para fortalecer e legitimar quanto para questionar e transformar ideias e valores como aqueles mencionados acima, através da veiculação acrítica desses valores ou do questionamento de suas bases e princípios.

Partimos da convicção de que ensinar é uma atividade política, uma vez que pressupõe a construção e circulação de conhecimentos, o que leva a novas posturas e atitudes diante da realidade social, gerando mudanças na relação dos sujeitos envolvidos nesse processo com a sociedade em que se inserem (Pereira, 2002). Nesse sentido, é importante que nós, educadores e educadoras, nos conscientizemos do real alcance e das implicações sociais e políticas de nossa atividade, devido ao seu importante papel na construção de identidades e na formação da concepção de mundo dos sujeitos com os quais interagimos. Nossa opção deve ser por um tipo de educação que leve a uma conscientização dos(as) aprendizes para que atuem como sujeitos de sua própria história, e não meros espectadores e objetos dessa história. Isso requer o desenvolvimento, por parte desses sujeitos, da capacidade de ler o mundo, ou seja, interpretar objetiva e criticamente a realidade, tornando-se agentes de transformação dessa realidade, antes da habilidade de ler o texto, que é uma representação dessa realidade.

Entendemos o ensino de LE como um sistema constituído por diversas variantes que se coadunam e se complementam a fim de torná-lo um processo a serviço da formação humana, social, intelectual, linguística, identitária e discursiva dos sujeitos que dele participam.

Professor de LE: agente de transformação ou instrumento de alienação?

Esta pergunta faz parte das indagações de muitos linguistas aplicados e professores de língua estrangeira quanto ao papel destes no contexto social como educadores e, portanto, co-responsáveis pela formação humana e cultural dos aprendizes com os quais atuam. Muitas reflexões têm sido propostas quanto às implicações políticas e culturais de se ensinar uma língua estrangeira dominante - o inglês - em uma realidade de país dominado econômica, política e culturalmente como o Brasil. Aspectos políticos e ideológicos da atividade docente, especialmente

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

daqueles que lidam com uma língua como o Inglês, cuja cultura tem sido imposta ao mundo como modelo de civilização e desenvolvimento, devem ser levados em conta na condução de tais reflexões. Esta preocupação é um dos pontos centrais da reflexão crítica daqueles que buscam desenvolver suas atividades docentes com vistas a uma educação libertadora e conscientizadora.

Um ensino de LE que não leve em conta questões cruciais que permeiam esse processo como, por exemplo, a hegemonia e o domínio de determinadas línguas e suas causas e consequências nos âmbitos cultural, político e social, a ação de professores e professoras como agentes facilitadores e, geralmente, propulsores de atitudes e posturas por parte dos(as) aprendizes, e a qualidade de materiais didáticos empregados na tarefa de ensinar, corre o sério risco de, ainda que utilize abordagens eficientes e metodologias adequadas, levar o(a) aprendiz a desenvolver habilidades que se limitam ao aspecto funcional da linguagem, ou seja, o domínio do sistema linguístico ao nível da competência linguística/comunicativa sem, contudo, possibilitar a conscientização sobre questões relacionadas à estrutura de poder que determina as relações sociais nas quais ele(a) vive e que influenciam a forma com que vê a sua própria cultura e a cultura do 'outro' que integra a língua estudada. Sendo parte da educação geral, o processo de ensino e aprendizagem de LE é, assim, importante para a formação global do(a) educando(a), devendo, portanto, contribuir para a construção da sua identidade como ser aprendente, como ser social e político, como cidadão ou cidadã, enfim, como sujeito consciente de sua posição e de sua responsabilidade de agente transformador da sociedade que integra.

Considerações finais

A convicção de que o processo educativo, em qualquer área, faz parte de um contexto mais amplo – a realidade política, social, econômica, cultural em que vivemos – é a força propulsora que nos tem movido na direção da busca de um processo de ensino e aprendizagem mais crítico e social e politicamente comprometido. O ensino de LE se insere nesse contexto e, como tal, tem a tarefa de contribuir para a formação de cidadãos e cidadãs conscientes de sua condição de sujeitos históricos que podem agir para transformar a realidade e construir uma sociedade mais humana em que as pessoas possam viver e conviver sem as amarras da injustiça e da desigualdade que alimentam práticas sociais fundamentadas em relações de poder assimétricas e destrutivas.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Acreditamos, conforme mencionamos aqui, que uma educação lingüística que não leve em conta questões políticas e sociais em sua concepção e prática, está fadada ao insucesso, ainda que consiga dotar aprendizes de habilidades linguísticas, estruturais, comunicativas. Reafirmamos nossa convicção de que questões de cunho social e político como gênero, etnia, classe social e outras, devem fazer parte da educação como um todo e, portanto, da educação linguística. Para tanto, acreditamos que é preciso que nós, profissionais da educação, busquemos desenvolver nossas atividades docentes com consciência, compromisso e senso crítico.

Assim, cabe a nós, sujeitos envolvidos no processo educacional, principalmente professores e professoras que lidamos em nosso dia a dia com as situações reais de sala de aula, adotarmos atitudes críticas com relação ao conteúdo ensinado, aos materiais adotados e às próprias normas estabelecidas em relação à interação professor-aluno, que muitas vezes reproduz relações de poder assimétricas presentes em práticas sociais mais amplas. Conforme argumenta Altani (1995), faz-se necessário que nós nos conscientizemos de que a atividade docente é uma ação política e, portanto, variável de acordo com o contexto sociocultural, o que fará com que questionemos nossas ações em sala de aula com relação à divisão de tarefas e expectativas relacionadas a atitudes e comportamentos de alunos e alunas e, portanto, às 'mensagens' que podemos estar, mesmo inconscientemente, transmitindo aos aprendizes.

Para que os atuais e futuros professores tenham tais atitudes, faz-se necessário repensar a formação que lhes é dada nos cursos de educação de professores das universidades, centros universitários e faculdades do país. Desde a relação professor-aluno até os programas curriculares desses cursos devem estar direcionados para a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes da realidade em que estão inseridos e na qual irão atuar, e capazes de optar por abordagens e métodos de uma pedagogia crítica, construtiva e transformadora em suas ações como educadores e educadoras dedicados ao ensino de LE.

O ensino de língua estrangeira deve contribuir para se criar consciência da importância e necessidade de professores, professoras e aprendizes tornarem-se agentes de mudança numa sociedade marcada nos âmbitos global e local por relações de poder e práticas sociais contaminadas que inviabilizam o projeto final da educação, que é a transformação dessa sociedade.

Referências bibliográficas

ALTANI, Cleopatra. Primary school teachers' explanations of boys' disruptiveness in the classroom: a gender-specific aspect of the hidden curriculum. In: MILLS, Sarah. (Ed.). *Language and gender: interdisciplinary perspectives*. London and New York: Longman, 1995.

CUNHA, Maria Jandyra. The Yudja of Xingu: language, literacy and social change. Tese de doutorado. Lancaster: Lancaster University, 1996.

LACOSTE, Yves. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Yves, RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *A geopolítica do inglês*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.

LACOSTE, Yves, RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *A geopolítica do inglês*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.

MOMPEAN, Annick Rivens. Pronouncing English in Brazil. *English Today* (13/1): 28-35, 1994.

PENNYCOOK, Alastair. *The cultural politics of English as an international language*. New York: Longman, 1994.

PEREIRA, Arioaldo Lopes. O eurocentrismo nos livros didáticos de língua inglesa. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 35, p. 7-19, 2000.

PHILLIPSON, Robert. *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica. Linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.